




SIQUIRJ

INFORMA

Nº 199

Mai/2018

Paralisação de caminhoneiros causa prejuízo para indústrias (pág. 2)

Editorial

Siquirj participa de reunião com Banco Central

O Siquirj participou da Reunião de Conjuntura Econômica que o Banco Central do Brasil organizou no último dia 28 de maio, em sua sede no Rio de Janeiro. Trata-se de um encontro que o Banco Central realiza periodicamente com entidades que representam diversos segmentos da nossa economia para monitorar a situação atual e as expectativas, no futuro próximo de cada setor.

O Siquirj apontou os seguintes aspectos:

Cenário amplo:

1 - A situação não está boa, mas poderia estar pior, a economia reage lentamente e o governo, realisticamente, reduziu suas expectativas iniciais.

2 - Entretanto, lembrando a crise colossal e o descontrole de um ano atrás, fez-se alguns avanços; desacelerando o déficit fiscal, estabelecendo um teto de gastos, etc. E as reformas impopulares foram postergadas para depois das eleições.

3 - O Banco Central demonstra competência entregando, em pouco tempo, a inflação e os juros em níveis baixíssimos para os padrões brasileiro.

4 - Entretanto, em 2018 a dívida pública estará em torno de 80% do PIB e não haverá, em 2019, um "próximo governo" para encaminhar o assunto, e as reformas terão de ser feitas.

Com relação ao Setor Químico:

1 - A situação está inalterada há

anos. A Indústria Química impulsiona a economia e depende, diretamente, para ter bom desempenho, dos preços da matéria prima (financiamento do capital de giro), da energia, sendo intensiva em capital nos investimentos que têm longo prazo de maturação.

2 - A Abiquim – que acompanha o segmento da Química de Base no Brasil – relata que a taxa média de ocupação em 2017 foi 78% da capacidade instalada, um nível muito baixo para atividades de processamento contínuo. Para agravar a situação, 38% da demanda interna por produtos químicos é atendida por importações, o que resultou, no ano passado, em um déficit no comércio exterior, com produtos químicos em torno de 23 bilhões de dólares.

3 – O BNDES, visando apresentar alternativas para a Indústria Química, fora do contexto das indústrias químicas tradicionais, patrocinou um estudo sobre as possibilidades de diversificação e inovação no segmento. O documento é público e está disponível na página do Siquirj.

Diversos projetos foram estudados e a conclusão foi que, na média, os investimentos seriam 20% menores, caso as fábricas fossem construídas no EUA. Caso os produtos fabricados nestas hipotéticas unidades americanas fossem internalizados no mercado brasileiro, pagando todos os encargos, ainda seriam mais baratos do que aqueles produzidos pelas mesmas fábricas, se instaladas no Brasil.

Com relação ao Banco Central:

1 - Um dos principais motivos para esta baixíssima competitividade é o elevado custo de capital no País.

2 – Para padrões brasileiros, a taxa

Selic e a inflação estão baixíssimos, mas os juros para as médias e pequenas empresas chegam a 22%, não acompanham a queda destes parâmetros. O *spread* no mercado de capitais brasileiro é muito elevado.

3 - A explicação pode ser a concentração excessiva do mercado financeiro, cerca de 80% do mercado de juros livres praticados no Brasil estão distribuídos entre cinco bancos. É preciso aumentar a competitividade no setor financeiro com o objetivo de baixar os juros e reduzir os *spreads*.

4 - Os *spreads* que elevam o carregamento financeiro dos projetos impedem que novos investimentos sejam realizados, que novos empregos sejam criados e que o consumo se aqueça.

5 - Resumindo, os *spreads* travam fortemente a retomada de crescimento da nossa economia, junto a outros fatores que não estavam no escopo deste encontro.

6 - Seria muito oportuno que o Banco Central avaliasse a regulamentação do sistema bancário visando aumentar a competição no mercado de juros livres, autorizando a operação de agentes econômicos que pratiquem juros menores para pequenas e médias empresas.

7 - Sugerimos que sejam analisadas as possibilidades de limitar a burocracia dos bancos de desenvolvimento, sem perder de vista as boas práticas de *compliance* e de controle das atividades de fomento. Por exemplo, não sobrepor duas ineficiências para o acesso aos recursos financeiros, ao condicionar a liberação de recursos à obtenção de licenças ambientais de instalação e/ou operação definitivas, que também postergam a liberação dos financiamentos.

Paralisação de caminhoneiros já causa prejuízo de R\$ 77 milhões para indústrias do Rio

A paralisação dos caminhoneiros já causou uma perda de 77 milhões no PIB da indústria no estado do Rio, segundo levantamento do Sistema Firjan. O cálculo estima o prejuízo para a indústria de transformação em cinco dias de greve, até a sexta-feira (25/05). A Firjan ouviu ainda 318 indústrias, que empregam mais de 38 mil trabalhadores, para medir o impacto da paralisação no setor produtivo no estado. Nove em cada dez empresas foram afetadas pela greve, com a produção reduzida ou interrompida em quase 60% das indústrias. Os dados foram divulgados na segunda-feira (28/05), em coletiva de imprensa, na Firjan.

A proposta do governo que prevê a reoneração da folha de pagamento para alguns setores da economia só vai agravar o problema, de acordo com o economista-chefe da Firjan, Guilherme Mercês. "A reoneração só vai trocar a carga tributária de um setor produtivo para o outro, levando aumento de impostos de forma permanente para 46 atividades da indústria, o que representa ameaçar 400 mil empregos diretos", alerta Mercês.

Guilherme Mercês afirma ainda que a paralisação dos caminhoneiros reflete a insatisfação com o peso da carga tributária no país. Os impostos pagos no Brasil representam 32% do PIB, alcançando o mesmo patamar de países desenvolvidos, embora o índice de retorno em serviços para o bem-estar da sociedade brasileira seja o mais baixo entre os países da América Latina. A indústria é o setor mais tributado da economia, pagando quase a metade do que produz em impostos. "O que o Brasil precisa é que os impostos já arrecadados atualmente sejam empregados de forma eficiente", defende Mercês.

A Firjan fez também um levantamento sobre o custo dos combustíveis no país, constatando que o estado do Rio está entre os estados menos competitivos. O óleo diesel no Rio é o 7º mais caro do país, resultado do ICMS de 16%, o maior entre os estados do Sul e Sudeste. A gasolina comum tem o 2º custo mais alto do país, 14,7% acima de São Paulo. O estado do Rio tem a maior alíquota de ICMS para gasolina do país (34%), quase 10% maior do que a média nacional.

Fonte: Firjan

Demanda mais fraca de químicos confirma desaceleração econômica

O ritmo de consumo de produtos químicos de uso industrial no país está confirmando que a recuperação da economia perdeu força. E a greve dos caminhoneiros, que já levou algumas indústrias do setor a iniciar paradas de produção, pode piorar esse cenário.

Segundo dados preliminares da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim), o consumo aparente nacional, que mede a produção mais importação menos exportação desses produtos, caiu 10,1% nos quatro primeiros meses do ano, em comparação a desempenho positivo no início do ano passado.

De janeiro a abril, enquanto a produção da indústria química recuou 6,56%, as importações caíram 21,2%, afetadas tanto pela procura menor quanto pela valorização do dólar, que reduz a competitividade do produto importado. Esse desempenho, destacou a diretora de Economia e Estatística da Abiquim, Fátima Giovanna Coviello Ferreira, evidencia a desaceleração da atividade econômica e contrasta com os números positivos exibidos no início do ano passado.

A queda na produção foi motivada por esse cenário macro e pelo menor consumo de intermediários para fertilizantes. Vale ressaltar que a cadeia de agroquímicos iniciou o ano com estoques elevados e, ao invés de ampliar a produção, preferiu regular os níveis de inventário.

Houve, porém, um aspecto positivo nos dados apresentados pela Abiquim. O encolhimento nas importações reabriu espaço no mercado doméstico para o fabricante local. As vendas internas subiram 4,54%, no quadrimestre, com recuperação de participação de mercado pelo produto brasileiro.

No período, a parcela de químicos fabricados localmente e destinada às exportações caiu 27,8%. Em parte, esse desempenho é atribuído ao apagão de energia ocorrido no Nordeste em março e que afetou a produção em fábricas instaladas na região. A produção menor levou a taxa de utilização da capacidade instalada a 74%, quatro pontos abaixo do verificado no mesmo período do ano passado.

Diante disso, após 27 meses consecutivos de resultados positivos, a produção de químicos no acumulado de 12 meses passou para o terreno negativo, com queda de 1,57%, enquanto as vendas domésticas cresceram 1,45%.

Chama a atenção, porém, o fato do volume de produção destinado às exportações vir caindo desde dezembro, após mais de três anos de resultados positivos, apesar de a desvalorização do real aumentar a atratividade das exportações. Em 12 meses até abril, as vendas externas caíram 10,4%.

Fonte: Valor

Incidência tributária na fatura de energia e Convalidação de Incentivos Fiscais do ICMS



Em continuidade aos encontros realizados no Siquirj sobre a questão da energia elétrica, no último dia 10 de maio, o Sindicato contou com a presença da Dra. Priscila Sakalem, Coordenadora Jurídica Tributária e Fiscal no Sistema Firjan, que abordou a Incidência tributária na fatura de energia: como reduzir e recuperar valores pagos indevidamente. Além disso, a Dra. Priscila Sakalem realizou uma Segunda palestra tratando da Convalidação de Incentivos Fiscais de ICMS.

A apresentação gerou intenso debate entre os presentes e constante troca de informações, produzindo importantes esclarecimentos. O arquivo da mesma se encontra na Área do Associado, em nosso site.

Siquirj

Sindicato da Indústria de Produtos Químicos para Fins Industriais do Estado do Rio de Janeiro

Filiado à FIRJAN

Av. Calógeras, nº 15 - 12º andar
Centro - Rio de Janeiro - RJ
CEP 20030-070
Tel.: (21) 2220-8424
e-mail: siquirj@siquirj.com.br
home page: www.siquirj.com.br

Diretoria - 2016/2020

Diretoria

Isaac Plachta (Presidente)
Marjorie Arias (Vice-presidente)
Nicolau Pires Lages (Secretário)
Paul Antoine Maron Gédéon (Tesoureiro)

Suplentes

Ciro Alves
Wagner Sá
Jorge Luiz Cruz Monteiro

Conselho Fiscal

Efetivos
Carlos Roberto da Silva
Nélio Augusto Manhães Rodrigues
Roberto Pinho Dias Garcia

Suplentes

Antonio Emilio Simões Meireles
Ronaldo Valle Monteiro
Ubiratan Sá

Delegados Representantes junto à Firjan

Efetivos

Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira
Carlos Mariani Bittencourt

Suplentes

Isaac Plachta
Roberto Pinho Dias Garcia